



UEPB
Universidade
Estadual da Paraíba

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB, CAMPUS – I
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO / PGFILE

YAMILLE FRAGOSO DE MEDEIROS NUNES

**POESIA E EDUCAÇÃO: A EDUCAÇÃO ONTOLÓGICA COMO UMA FORMA DE
TRANSFORMAÇÃO DO HOMEM NO PENSAMENTO DE MARTIN HEIDEGGER**

CAMPINA GRANDE
2016

YAMILLE FRAGOSO DE MEDEIROS NUNES

POESIA E EDUCAÇÃO: A EDUCAÇÃO ONTOLÓGICA COMO UMA FORMA DE TRANSFORMAÇÃO DO HOMEM NO PENSAMENTO DE MARTIN HEIDEGGER

Trabalho de Conclusão de Curso –Monografia- de Especialização em Filosofia da Educação da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Filosofia da Educação.

Orientador: Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho

**CAMPINA GRANDE
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N972p Nunes, Yamille Fragoso de Medeiros
Poesia e educação [manuscrito] : a educação ontológica como
uma forma de transformação do homem no pensamento de Martin
Heidegger / Yamille Fragoso De Medeiros Nunes. - 2016.
40 p.

Digitado.
Monografia (Filosofia da Educação) - Universidade Estadual
da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho,
Departamento de Filosofia".

1. Filosofia Alemã 2. Educação Ontológica 3. Poesia 4.
Ontologia Poética I. Título.

21. ed. CDD 193

YAMILLE FRAGOSO DE MEDEIROS NUNES

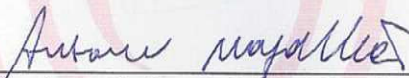
POESIA E EDUCAÇÃO: A EDUCAÇÃO ONTOLÓGICA COMO UMA FORMA DE TRANSFORMAÇÃO DO HOMEM NO PENSAMENTO DE MARTIN HEIDEGGER

Trabalho de Conclusão apresentado ao programa de Pós-Graduação em Filosofia da Educação (PGFILE) da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Filosofia da Educação.

Aprovado em 29/08/2016.



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB
Orientador



Prof. Dr. Antônio Carlos de Melo Magalhães / UEPB
Examinador



Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda / UEPB
Examinador

Dedico este trabalho a minha mãe, Angela Vírginia
Fragoso de Medeiros Nunes, por todo incentivo e
apoio.

AGRADECIMENTOS

Durante minha vida e em minha trajetória acadêmica, tive pessoas ao meu lado de grande importância. Primeiramente, tive minha família, minha avó Adete Fragoso de Medeiros, que mesmo não estando fisicamente ao meu lado, é e sempre vai ser minha maior expressão de amor, cuidado, carinho e proteção. Agradeço imensamente pelo tempo em que estivemos juntas, por sua criação, que fez de mim o que sou. Aguardarei nosso reencontro e levo comigo nossas melhores lembranças. Agradeço a minha mãe, Angela Fragoso de Medeiros, por apesar de nossas diferenças, me amar incondicionalmente, ser meu maior exemplo de força, coragem e garra. Embora diante de tantas adversidades, você sempre proporcionou o melhor para suas filhas e o mais importante, me permitiu ser quem eu sou. Agradeço a minha irmã, Yochabel Fragoso de Medeiros, por sempre me apoiar e torcer pelo meu sucesso. Por todos nossos momentos de irmãs, pois até os ruins, contribuíram de forma positiva para a minha vida. Agradeço a meu primo e grande amigo, Matheus Franco Fragoso, por toda ajuda na construção deste trabalho, por toda sua contribuição e apoio em meus estudos. Agradeço aos meus filhos felinos Miu, Lua, Francisco, e, especialmente, Frederico, sem vocês minha seria um pouco mais difícil. E, por fim, a Morena, por me proporcionar tanto amor e felicidade enquanto viveu.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho, por ter sido fundamental na realização deste trabalho. Contribuindo com toda sua experiência, sabedoria e conhecimento. Uma pessoa por quem tenho uma grande admiração, um professor excepcional, sempre procurando me orientar da melhor forma possível, para conseguirmos efetivar a construção deste trabalho. Sendo também uma das minhas maiores inspirações dentro da minha carreira acadêmica, além de ser um grande amigo, alguém que sempre desejarei o melhor que a vida lhe puder oferecer. Agradeço aos demais professores, que compõem a banca examinadora, Prof. Dr. Antonio Carlos de Melo Magalhães e Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda, por mais uma vez disponibilizarem um momento do seu tempo, colaborando com mais uma etapa da minha formação acadêmica.

Agradeço aos meus amigos, por sempre estarem comigo, até nos momentos mais difíceis. Em especial, agradeço a Nicolas Dantas, por viver comigo as melhores

lembranças da minha vida. Ser a pessoa em que confio e que sempre vou encontrar ao seu lado, um lugar seguro e feliz. Que nossos planos se concretizem! Por fim, agradeço aos meus colegas da especialização, por contribuírem também para o meu conhecimento.

O que fica, porém, é fundado pelos poetas.
(ANDENKEN, IV, 63, V59).

RESUMO

Nosso trabalho tem como objetivo a análise das obras do filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1979) e do poeta alemão Friedrich Hölderlin (1770-1843), com pretensão de desenvolver o conceito de educação ontológica, buscando a transformação do homem. Recorremos ao processo de estudo da questão do ser, desenvolvido por Heidegger, para compor fundamentação teórica deste conceito. Para Heidegger, a tradição filosófica ocidental tem sido transpassada por problemas. O filósofo acredita que durante a história da filosofia ocidental, devido à influência da metafísica tradicional, há um esquecimento em relação à problemática do ser. Hölderlin, considerado pelo filósofo o poeta dos poetas, estabelece uma “ontologia poética-fundamental”, onde tem a pretensão de ser novo horizonte de colocação da questão do ser. Heidegger demonstra que a arte e não a ciência teria a competência de proporcionar ao homem esta compreensão. Segundo o autor, a arte é a expressão da verdade, portanto, por meio desta analogia entre arte e verdade, pretendemos demonstrar uma possível relação entre educação e arte, constituindo o conceito de educação ontológica.

Palavras-Chave: Heidegger. Educação Ontológica. Poesia.

ABSTRACT

The purpose of our work is to analyze the works of the German philosopher Martin Heidegger (1889-1979) and German poet Friedrich Hölderlin (1770-1843), intending to develop the concept of ontological education in search for the transformation of the man. We resorted to the process of studying the question of being developed by Heidegger to support the theoretical background of this concept. For Heidegger, the western philosophical tradition has been intersected by problems. The philosopher believes that throughout the history of the western Philosophy – due to the influence of the traditional metaphysics -- there is forgetfulness in relation to the problematic of the being. Hölderlin, considered by the philosopher the finest poet, establishes a “poetic-fundamental ontology”, which seeks to develop a new horizon of placing the question of being. Heidegger shows that art and not science has the power to provide the man this comprehension. According to the author, art is the expression of true, therefore, through this analogy between art and truth we intent to show a possible relation between education and art, creating the concept of ontological education.

Key-words: Heidegger. Ontological Education. Poetry.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	MARTIN HEIDEGGER E A ANALÍTICA EXISTENCIAL.....	16
3	A CONCEPÇÃO DE ARTE.....	20
3.1	A RELAÇÃO ENTRE O CONHECIMENTO E A POESIA.....	24
4	A EDUCAÇÃO ONTOLÓGICA.....	26
4.1	<i>GERMÂNIA</i> : A POESIA DE HÖLDERLIN COMO INSTRUMENTO TRANSFORMADOR DO HOMEM.....	28
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35
	ANEXO A – GERMÂNIA.....	37

1- INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta uma discussão entre a obra filosófica de Martin Heidegger (1889-1979) e a obra literária de Friedrich Hölderlin (1770-1843). Consideraremos, especificamente, a conferência *Hinos de Hölderlin* (1934-1935), que traz interpretações filosóficas de Heidegger dos poemas do poeta alemão. No campo literário, trabalharemos com o livro *Poemas* (1991) de Hölderlin, onde encontramos o poema *Germânia*¹, ao qual Heidegger dedica boa parte de seu livro. Procuramos desenvolver o conceito de Educação Ontológica, ou seja, uma educação voltada para o Homem, que o possibilite compreender-se como ser-aí. Também procuramos tematizar a manifestação dessa educação no pensamento de Heidegger e Hölderlin. Nosso trabalho está dividido em três capítulos: Martin Heidegger e a Analítica Existencial; A Concepção de Arte e A Educação Ontológica, possuindo subdivisões.

O filósofo alemão Martin Heidegger nasceu em Messkirch, no dia 26 de setembro de 1889 em um pequeno lugar da Suábia, nas proximidades da Floresta Negra, no interior da Alemanha. De origem modesta, era filho de Friedrich Heidegger (1851-1924), um sacristão católico e fazedor de barris. Seu pai era encarregado das vestimentas e dos objetos sagrados, de tocar os sinos e também de cavar as sepulturas no interior do templo, já sua mãe Johanna Kempf Heidegger (1858-1927) era decorada da igreja de São Martinho. Heidegger era o filho mais velho de três: Mariele e Fritz. Durante o início de sua formação, o filósofo demonstrou uma preocupação religiosa precoce e teve seu interesse despertado para a filosofia ainda ao tempo de seus estudos básicos.

Conseguiu uma bolsa de estudos que lhe permitiu ingressar no liceu de Constança, em 1903. Posteriormente, entrou para o seminário em Friburgo (1909) e no ano seguinte escreveu seu primeiro ensaio em benefício do monge Abraham a Sancta Clara, um importante sermoneiro barroco do sul da Alemanha. Ao longo do início da sua trajetória acadêmica, passou interessar-se pelos místicos alemães e depois pelo escolástico Duns Scotus². Foi assistente de Edmund Husserl (1859-1938), o fundador da fenomenologia, de quem falaremos mais tarde. Durante sua vida, houve alguns fatores

¹ O texto integral de *Germânia* pode ser encontrado no Anexo I deste trabalho.

² Filósofo e teólogo foi crítico da razão falecido em 1308.

que o levaram ao rompimento com o catolicismo como, por exemplo, a queda de Deus, do rei e da metafísica clássica. Neste momento, o filósofo concentra o seu interesse pelo ser, que será o principal objeto de estudo de sua filosofia. Heidegger acredita na possibilidade de haver um sentido básico do verbo "ser" e une seu pensamento ao existencialismo de Søren Kierkegaard (1815-1855) e a fenomenologia do seu mestre Husserl (mas sempre tentou ao máximo não parecer, em termos de escrita, com ele). Com influências também de Friedrich Nietzsche (1844-1900) e Wilhelm Dilthey (1833-1911), eliminando os dualismos que caracterizavam a metafísica clássica. Ponto muito discutido é a polêmica filiação de Heidegger ao nazismo, por vezes super valorizada, por vezes omitida, mas que em termos teóricos pouco pode acrescentar ao objeto desta pesquisa. Fato é que Heidegger morreu em 26 de maio de 1976 e nunca se retratou do seu apoio ao nazismo. O filósofo alemão foi um dos mais influentes pensadores do século XX. Abandonando a teologia, mergulhou nos gregos para tentar encontrar neles a razão que de alguma forma amparasse o homem contemporâneo num mundo desesperançado de Deus. Erguendo-se contra a tradição metafísica, se voltou para o ser procurando encontrar uma direção num cenário onde os valores da religião e da metafísica haviam sido abalados.

Através de seus estudos filosóficos acerca do ser, Heidegger recorre à poesia de Hölderlin, que então tem o papel de, segundo o filósofo, mostrar as composições da nossa subjetividade. Heidegger busca uma forma mais eficaz para desenvolver a problemática do sentido do ser. Para o filósofo, é evidente que a questão do ser não deveria mais ser pensada por conceitos que compreendessem apenas enunciados lógicos, ele decide então ir mais além, onde se encontra com a poesia, com a finalidade de transitar pelas regiões tortuosas e inusitadas do ser. Este novo estudo se dá na fusão entre filosofia e literatura. Heidegger então busca dentro da poesia de Friedrich Hölderlin, o entendimento necessário para o desenvolvimento da questão acerca do ser. O filósofo foi um grande apreciador das obras de Hölderlin, mas apenas com o passar dos anos iniciou o estudo sobre elas, o ponto crucial do encontro com a poesia do autor é a verdade do Ser, trata-se de um pensamento que procura encontrar o campo possível de emprego do tema do ser, no horizonte da história da metafísica e seu fato fundamental, que é o esquecimento do Ser, onde Hölderlin tem o papel de esclarecer poeticamente o lado oculto da história ocidental.

Friedrich Hölderlin foi um poeta lírico e romancista alemão, nascido na cidade de Lauffen. Filho de Heinrich Friedrich Hölderlin e de Johanna Christiane Heyn, perdeu seu pai biológico aos dois anos de idade e pouco tempo depois viria a perder também seu padrasto, aos nove anos de idade. Em 1784, ingressou em alguns colégios preparatório para seminário, o Denkendorf e Maulbronn, segundo a tradição dos alunos carentes e inteligentes, passou a estudar no seminário de Stift em Tübinga, onde conheceu Friedrich Hegel e Schelling, seus colegas de turma e posteriormente estudou teologia na Universidade de Tübingen, onde teve o interesse despertado pela filosofia de Jean-Jacques Rousseau, como veremos a diante. Entretanto, não via seu futuro dentro da igreja e foi através de Friedrich von Schiller, um dos maiores literatos alemães do século XVIII, que teve auxílio na publicação dos seus primeiros versos, um poema chamado *Destino* e um fragmento de seu romance *Hipérion*. Com a finalidade de se distanciar da igreja, decide então seguir o caminho da profissão de *Hofmeister*, uma espécie de tutor de meninos de famílias nobres, instalando-se nas casas dessas famílias, como por exemplo, a família von Kalb e Waltershausen, onde não permaneceu muito tempo, pois percebeu não possuir muita influência na educação de seus alunos. Quando, em 1796, começou a trabalhar na casa da família do banqueiro Gontard, apaixonou-se por sua esposa, Susette Gontard, que se tornou personagem de suas obras, como em o *Hipérion ou O Eremita na Grécia (1797-1799)*, onde recebeu o nome de Diotima³.

A vida intelectual e profissional de Hölderlin foi marcada por grandes fracassos. Ao escrever uma de suas principais obras, *A Morte de Empédocles (1797 – 1800)*, por exemplo, não teve o retorno esperado e a partir desse momento começou a dedicar-se a poesia e tradução de Píndaro, um dos mais respeitáveis poetas líricos grego, que assim como Platão e o Helenismo⁴, exerciam grande influência em suas obras. Por alguns anos ainda, se dedicou a sua “profissão de tutor”, mas com o tempo surgiram os primeiros sintomas da sua doença mental, a esquizofrenia, que lhe acompanharia até o dia de sua morte, fazendo com que Hölderlin se afastasse do trabalho. Após uma de suas crises, no ano de 1806, na cidade de Tübingen, foi internado em uma clínica psiquiátrica, mas não houve melhora de sua condição. Foi então que um marceneiro, morador da mesma

³ Referência a Diotima de Mantinea foi uma filósofa e sacerdotisa grega, mencionada em o *Banquete*, obra de Platão, onde narra o nascimento de Eros, deus do amor.

⁴ Período que abrange desde a morte de Alexandre, o Grande, em 323, até o momento em que os romanos invadem a Macedônia, em 148 a.C.

cidade, motivado após a leitura de seu livro *Hipérion ou O Eremita na Grécia*, o acolheu em sua casa, onde Hölderlin permaneceu até o dia de sua morte, em uma condição pacífica de loucura que durou trinta e seis anos.

A poesia de Hölderlin, que hoje é considerada de grande destaque para importantes pensadores como, por exemplo, Martin Heidegger, Friedrich Nietzsche, entre outros, permaneceu ignorada até a metade do século XIX. Ele não foi reconhecido entre os escritores de sua época, permanecendo desconhecido mesmo após sua morte. Para os estudiosos modernos, como Heidegger, Hölderlin era um jovem romântico e melancólico, que teve o grande prestígio em relação a seu trabalho bem mais tarde. Martin Heidegger, sobre quem falaremos mais adiante, foi um dos estudiosos que possibilitou o devido reconhecimento da obra do poeta. Sobre o reconhecimento tardio da genialidade do poeta, o filósofo afirma que,

Temos que lidar com o facto de que os alemães precisaram de nem mais nem menos que 100 anos até que a obra de Hölderlin estivesse perante nós, naquela forma que nos obriga a admitir que, ainda hoje, não estamos de maneira nenhuma à altura da sua grandeza e do seu poder futuro. (HEIDEGGER, 2004, p.14)

Friedrich Hölderlin pode ser considerado um dos poetas pioneiros da modernidade. Percebemos traços da influência da poesia romântica e da poesia clássica grega em seus textos, o que deu a sua obra a capacidade de abarcar o lado obscuro da existência e a transcendência de todos os limites humanos. Através das seguintes palavras de Hölderlin, podemos compreender a importância da poesia no processo de formação do homem, ponto fundamental deste trabalho. Segundo Hölderlin (1799 apud HEIDEGGER, 2004, p.14):

Já se disse muito sobre a influência das Belas-Artes na formação dos homens, mas o resultado foi sempre como se ninguém estivesse a falar a sério, e isso era natural, porque não pensaram na natureza da arte e, em especial, na da poesia. As pessoas atinham-se penas ao seu lado exterior, pouco exigente, que evidentemente é inseparável da sua essência, mas que pouco corresponde ao caráter total dela; ela foi considerada um jogo, porque aparece na figura modesta do jogo, e, assim, como é razoável, não podia decorrer dela nenhum outro efeito que não o do jogo, a saber, a distração, o que é quase exatamente o contrário do seu efeito, onde ela existe na sua verdadeira natureza. É que, então, o Homem recolhe-se junto a ela e ela dá-lhe calma, não a calma vazia, mas sim a calma viva, onde todas as forças estão em atividade e só por causa da sua harmonia íntima não são reconhecidas como ativas. Ela aproxima os homens e reúne-os, mas não como o jogo, onde só estão reunidos porque cada um se esquece de si mesmo e não vem à superfície a peculiaridade viva de cada um deles.

Em relação a sua produção literária, Hölderlin escreveu algumas obras, dentre elas podemos destacar: *O Hipérion ou O Eremita na Grécia*, um de seus romances mais conhecidos, foi escrito entre os anos de 1794 e 1795 e foi publicado em parte por Schiller em sua revista "Thalia". A sua história se dá através das cartas enviadas ao seu amigo Belarmino, nas quais o nostálgico Hipérion, que ficou na Alemanha, apaixonado por uma Grécia há muito distante, fala das suas desventuras em terras gregas e do seu desesperado amor por Diotima. Esta obra é baseada em sentimentos de estrangeirismo e de nostalgia frente aos dramas seculares, por fim, na exaltação da natureza, levando o leitor à Grécia clássica, onde nos deparamos com os sonhos de Hipérion de um mundo diferente de viver, onde ele imagina uma sociedade ideal, de homens livres unidos pelo amor, beleza e virtude, uma verdadeira comunidade. Nesta obra, Hölderlin coloca que, a essência da existência humana é a natureza, e o Estado é um sistema que violentamente opõe-se à ordem harmônica natural das coisas. Mesmo que o poeta reconheça as dificuldades e a impossibilidade de substituição desta ordem em termos históricos, visando à libertação do homem dessa máquina que é o Estado, nunca mudou sua visão negativa acerca do Estado e suas consequências. Hölderlin pode então ser considerado um crítico dos novos modelos de vida burguesa, gerados nessa recém-nascida sociedade, e, de certa forma, também podemos considera-lo um precursor da crítica socialista. O professor e estudioso na área de filosofia política Claudio Bazzocchi, fala um pouco sobre essa influência ao socialismo no artigo intitulado "*Iperione e la rivoluzione: il lato oscuro dei rivoluzionari di professione. Per ripensare il socialismo oggi*":

Hölderlin opera grazie a Iperione nel suo romanzo giovanile. Per Hölderlin, la rivoluzione non può essere rappresentata dalla fredda lama di una dottrina sociale e politica. Essa deve contemplare il cuore degli uomini, avere spessore esistenziale. La rivoluzione è l'apertura di un tempo nuovo che non può però limitarsi all'abbattimento del positivo — religione al servizio dei dominanti, dispotismo, vuote convezioni sociali —, ma deve diventare messa a tema della libertà nel suo essere continuamente esposta alla finitezza e al nulla del destino mortale degli uomini. (BAZZOCCHI, 2011)

A morte de Empédocles é uma tragédia de Hölderlin, escrita na forma de monólogo através de versos. O personagem principal desta peça é inspirado em Empédocles de Agrigento, filósofo e político grego, que teria se suicidado buscando uma forma digna de morte. Fundamentalmente, a peça trata das reflexões de

Empédocles, enquanto se dirige à borda da cratera do Monte Etna, um ativo vulcão da Itália, onde posteriormente se joga. Hölderlin encontra neste suicídio uma tentativa de comunhão com a natureza. Porém, depois de três tentativas sucessivas que deram origem a três versões diferentes, todas incompletas, de *A morte de Empédocles*, Hölderlin desistiu de escrever uma tragédia moderna. Foi depois desse fracasso, contudo, que decidiu dedicar-se à poesia lírica e compôs seus mais famosos poemas. Ele volta à tragédia somente nos últimos anos de sua vida consciente e pouco antes de mergulhar na loucura, mas apenas como intérprete e tradutor das tragédias de Sófocles.

Apesar da importância do *Hipérion ou O Eremita na Grécia* e da *Morte de Empédocles* para a carreira literária de Hölderlin, o trabalho presente se dedica a uma de suas poesias, encontrada na obra *Cânticos da Pátria* (1800-1805), chamada *Germânia*. O motivo da escolha se dá pelo fato que Heidegger, em sua conferência *Hinos de Hölderlin*, realizada no semestre de inverno de 1934-1935, na Universidade de Freiburg. O filósofo dedica-se a compreender e interpretar o pensamento de Hölderlin, pois, segundo o autor, é nesta poesia que podemos encontrar a representação do Ser-aí ou *Dasein*, conceito que é fundamental para a compreensão da educação ontológica proposta neste trabalho. Porque é esta nova forma de educação direcionada ao homem e sua existência, que possibilitará o homem a compreender-se como Ser-aí. Por este motivo, podemos afirmar que a poesia de Hölderlin não era apenas uma mera criação, baseada na fruição dos elementos inventivos, sua obra possuía um destino, uma finalidade de despertar e trazer o indivíduo à consciência mais íntima da sua existência. A poesia requer do sujeito concentração; ela o prende contra a sua própria vontade, torna-se algumas vezes aborrecedora e importuna, e é este incômodo o essencial para que o homem reflita sobre seu Ser.

2- MARTIN HEIDEGGER E A ANALÍTICA EXISTENCIAL

O existencialismo, um dos pontos fundamentais para a nossa pesquisa, foi um movimento filosófico e literário predominante na Europa, especialmente na França, no século XX. A Segunda Guerra Mundial e a ocupação da Alemanha na França intensificaram as preocupações existenciais acerca da liberdade, responsabilidade e morte. Todo esse contexto histórico e as ideias de pensadores do século XIX e início do século XX, como Søren Kierkegaard, quando escreveu sobre a religião, Friedrich

Nietzsche, pensando a morte de Deus, Karl Jaspers (1883-1969) desenvolvendo o conceito de *Existenz* e principalmente Edmund Husserl, com fenomenologia (por estarmos tratando da filosofia heideggeriana), influenciaram o desenvolvimento dessa corrente. Quando falamos de existencialismo, é essencial mencionar a fenomenologia de Edmund Husserl. O filósofo transpõe a elaboração de mais uma doutrina e renova o cenário filosófico ao instituir a fenomenologia. Através do seu pensamento, Husserl busca reconstituir o papel da filosofia, ou seja, a maneira da filosofia desempenhar sua função questionadora.

Dentro do contexto histórico e através dos filósofos já mencionados e, principalmente, por meio da filosofia desenvolvida por Husserl, surgem pensadores considerados existencialistas, mesmo que o termo em questão não tenha sido usado por nenhum desses filósofos. O existencialismo é uma corrente filosófica e literária, que preza pela subjetividade do ser humano e sua liberdade individual. Dos temas trabalhados por esse movimento destacamos: a liberdade; a morte; as experiências fenomenológicas e “acondicionamentos” como a angústia, náusea e o tédio; a rejeição de qualquer deliberação exterior de moralidade ou valor; o pessimismo sobre as relações humanas; entre outros. Em meio a alguns filósofos que carregam essa tendência filosófica, podemos destacar: Jean-Paul Sartre (1905-1980) e sua ontologia fenomenológica, Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) e a relação corpo-sujeito, Simone de Beauvoir (1908-1986) com o feminismo e a ética existencial, até chegarmos a um dos pilares do nosso trabalho, que é o filósofo Martin Heidegger e sua analítica existencial.

Não há dúvidas quanto à influência do filósofo Martin Heidegger ao existencialismo, principalmente no que diz respeito à analítica existencial. Ele foi responsável por um dos grandes marcos na história da filosofia ocidental, através de sua principal obra *Ser e Tempo*, escrita em 1926, que tem como tema central o ser. Na época em que a obra em questão foi publicada, além do existencialismo, havia outras grandes linhas de pensamento do século XX: a filosofia de Karl Marx com a Escola de Frankfurt, onde há uma preocupação com o homem em seu aspecto social e econômico e o Positivismo, onde prevalece às questões relacionadas ao cientificismo. Dentro deste contexto histórico, Martin Heidegger não buscava estabelecer uma interpretação superficial do ser, sua intenção é estudar e encontrar o seu sentido. Uma vez que, como

podemos observar as demais correntes filosóficas, preocupavam-se apenas com determinados aspectos do homem e sua existência.

Para Heidegger, a tradição filosófica ocidental tem sido transpassada por problemas. O filósofo acredita que durante a história da filosofia ocidental, devido à influência da metafísica tradicional, há um esquecimento em relação à problemática do ser (diferença ontológica). Isto acontece, porque a metafísica tradicional está preocupada como o que *é* e acaba focando nos entes particulares do mundo, esquecendo-se de focar no próprio ser. O filósofo afirma que:

[...] No solo da arrancada grega para interpretar o ser, formou-se um dogma que não apenas declara supérflua a questão sobre o sentido do ser, como lhe sanciona a falta. Pois se diz: “ser” é o conceito mais universal e mais vazio. Como tal, resiste a toda tentativa de definição. Esse conceito mais universal e, por isso, indefinível, prescinde de definição. Todo mundo o emprega constantemente e também compreende o que ele, cada vez, pretende designar. Assim o que, encoberto, inquietava o filosofar antigo e se mantinha inquietante, transformou-se em evidência meridiana, a ponto de acusar quem ainda levantasse a questão de cometer um erro metodológico. (HEIDEGGER, 2012, p.37)

Heidegger compreende que desde os gregos as diferenças entre ser e ente estão sendo ignoradas. Isso acontece pelo fato de haver dificuldades em relação à temporalidade (de onde surge o título de *Ser e Tempo*) e aos pressupostos atribuídos ao ser, então propõe que o percebamos no presente. Os pressupostos em relação ao ser eram, primeiro, o ser deve ser o mais universal de todos os conceitos; segundo, o ser é vago e indefinível e o terceiro, que todos nós já entendemos o que é ser, sem precisarmos pensar sobre ele. Heidegger foi contra essas afirmações, ele acreditava que mesmo sendo o mais universal de todos os conceitos, isso não significa que ele era o conceito mais claro; sobre ser vago e indefinível ele afirmava que não devemos tratar questões ontológicas⁵ como sendo ônticas⁶, ou seja, não devemos acreditar que quando estamos tratando sobre entidades particulares, estamos tratando sobre o ser enquanto tal. É interessante esclarecer que, Heidegger foi um dos filósofos que defendiam a diferenciação entre ser e ente, para ele o ser é o que faz que algo seja e o ente é a forma material de algo que é. Para o filósofo, todos nós possuímos certa concepção, mesmo que seja superficial, do significado de ser, portanto “[...] é por esta tensão entre nossa compreensão vivida do ser e a inabilidade da tradição filosófica de oferecer qualquer explicação teórica cogente

⁵ Investigação que examina o que possibilita as entidades existirem ou o ser.

⁶ Investigação que examina as entidades ou entes.

para ele que mostra a necessidade de nos perguntarmos sobre o seu significado.” (REYNOLDS, 2014, p. 37).

Durante sua reflexão sobre a problemática do ser, Martin Heidegger estabelece uma análise geral sobre esta questão. O filósofo defende que toda pergunta é uma busca e toda busca é, antecipadamente, gerada pelo que é buscado. A pergunta, ao passo que “pergunta sobre algo”, possui, a priori, aquilo sobre o que se pergunta. Entretanto toda “pergunta sobre algo” é também uma “pergunta a algo”. Então é inerente da pergunta tanto o que se é perguntado, quanto a quem se pergunta. Podemos então compreender que aquilo que se pergunta é o “ser”, do qual conhecemos quase nada, com exceção que é totalmente diferente das entidades particulares, que encontramos na vida cotidiana. E que aquilo a quem se pergunta devem ser entidades de vários tipos, que são questionadas quanto ao seu ser e a resposta a ser encontrada é simplesmente o próprio “significado do ser”. O autor afirma:

[...] não determinar a proveniência do ente como ente, reconduzindo-o a um outro ente, como se ser tivesse o caráter de um ente possível. Enquanto questionado, ser exige, portanto, um modo próprio de demonstração que se destinge essencialmente da descoberta de um ente. Em consonância, o *perguntado*, o sentido de ser, requer também uma consciência própria que, por sua vez, também se diferencia dos conceitos em que o ente alcança a determinação do seu significado. (HEIDEGGER, 2012, p.42)

Porém, segundo Heidegger, este diagrama sobre a questão do ser não está completo, há algo essencial que também deve ser levado em consideração. Este elemento essencial é de onde surge a pergunta, ou seja, o questionador. A entidade que somos quando confrontados com questões ontológicas não é nada mais, nada menos que nós mesmos, tão comuns e familiares quanto possamos ser, em outras palavras, o *Dasein*. “[...] como *Dasein* não somos nada além de nossas compreensões e incompreensões do mundo e do lugar que nele ocupamos, e de nossas mais ou menos claras compreensões incompreensões dessas próprias compreensões, e assim por diante, interminavelmente”. (RÉE, 2000. p.16).

Para que haja a compreensão concisa do pensamento heideggeriano, é necessário que conceitos fundamentais do seu pensamento sejam explicados. Um destes conceitos é o *Dasein*, também precisamos esclarecer, por que Heidegger defende que uma análise deste conceito possibilita acesso privilegiado à questão do ser. Em sua principal obra, *Ser e Tempo*, o filósofo não utiliza termos como: consciência, humanidade, etc., no lugar de tais termos, ele usa o conceito de *Dasein*. Heidegger acredita, que a emprego de

termos como: sujeito, objeto, espírito, consciência, etc., trazem consigo suposições metafísicas. Deste modo, trazer qualquer um desses termos para sua obra, seria uma desvirtuação do seu pensamento, no que diz respeito ao seu rompimento com a metafísica tradicional. Heidegger determina que o *Dasein* seja o ente particular ou entidade, capaz de proporcionar uma legítima investigação acerca do ser. Isso acontece porque ele é o único ente que pode levantar a questão do ser e ao mesmo tempo estar envolvido com seu próprio ser.

Portanto, o *Dasein* é um ente privilegiado, pois é nele que o ser manifesta suas possibilidades, ele se encontra lançado no mundo, ele se constitui através das suas relações com os outros entes e consigo. Sendo um ser de relações e que se constrói através de sua existência, dá sentido as coisas presentes no mundo. Sem o *Dasein* não possuiriam uma forma de perguntar sobre o sentido do ser, é a partir da análise dele, que podemos construir uma ontologia. A análise heideggeriana dos aspectos do *Dasein*, em sua analítica existencial, é o fundamento para as interpretações do seu pensamento. Em nosso trabalho, o *Dasein* aparece como peça fundamental, pois sua característica fundamental, ou seja, o estar aberto a possibilidades, permite que homem possa vir a se transformar, através de uma educação ontológica (tema que falarei logo mais) baseada na arte.

3- A CONCEPÇÃO DE ARTE

Heidegger acredita que a obra de arte existe de modo tão natural como uma coisa, este modo de ver a arte é a primeira coisa que nos deparamos ao observá-la. Ela é uma forma privilegiada de revelar o cotidiano, na compreensão poética do mundo e temos, através da nossa reflexão, transgredir o pensamento de que a obra de arte é mera atividade criadora do artista. Em *A Origem da Obra de Arte*, podemos perceber que a preocupação inicial de Heidegger está relacionada ao originário, que ele diz ser aquilo a partir do que algo é o que ele é e como ele é, ou seja, o originário provém da essência. Então se o originário é através da essência, onde está essência e originário quando no referimos a arte? Na própria obra de arte ou no artista? Sobre essa questão Heidegger afirma que “O artista é a origem da obra. A obra é a origem do artista. Nenhum é sem o outro. Do mesmo modo também nenhum dos dois porta sozinho o outro. Artista e obra são em-si e em sua mútua referência através daquilo a partir de onde artista e obra de

arte têm seu nome, através da arte” (HEIDEGGER, 2010, p. 37). Ao pensarmos a arte, o filósofo deixa claro que ela é o originário para o artista e a obra, da mesma forma que a obra dá origem ao artista e o artista a origem dá obra. Mas antes de conceber a arte como um originário, temos que compreender o que de fato é a arte, buscar em sua essência.

Na busca para se conhecer a essência da arte, Heidegger “coisifica” a obra de arte, como algo que existe naturalmente como coisa. O filósofo acredita que é necessário sabermos até onde a obra de arte contribui para a natureza da coisa. Sobre isso ele diz “O caráter de coisa é tão irremovível na obra de arte que, ao contrário, seria melhor dizer: o monumento está na pedra, a escultura está na madeira. A pintura está na cor. A obra de linguagem está na fala. A obra musical está na sonoridade” (HEIDEGGER, 2010, p. 43). Então precisamos compreender o ser da coisa (a coisidade) na obra de arte, para isso se faz necessário percorrer o caminho filosófico traçado por Martin Heidegger na busca do entendimento desta questão. No estudo da coisa enquanto ente o filósofo utiliza uma discussão entre três teorias: a teoria substancialista, a teoria sensualista e a teoria da matéria e forma. A primeira refere-se à estrutura que forma a parte essencial da coisa, esta parte é considerada permanente, porém invisível. Inicialmente Heidegger classifica como coisa tudo aquilo que é, uma escultura é uma coisa, da mesma forma que o vento no outono é uma coisa e para ele até coisas que não são nada, como a morte e o juízo final são também coisas, porém esse conceito de coisa ainda está muito vago e é necessário ser melhor trabalhado para que possamos chegar a sua essência.

Heidegger acrescenta ao conceito de coisa como sendo algo que é classificável, ou seja, que podemos atribuir-lhe características. por exemplo, um bloco de concreto pode ser pesado, áspero, duro, opaco, etc. Mas logo em seguida este pensamento também não é considerado suficiente, sobre isso o autor diz: “Claramente a coisa não é somente a reunião de características e também não é a acumulação das propriedades através das quais surge o conjunto. A coisa é, como qualquer um acredita saber, aquilo em torno do qual as propriedades se reuniram” (HEIDEGGER, 2010, p.51), agora fica claro que a coisa é algo que preexiste a suas características e segundo Heidegger suas determinações não são quaisquer nomes, pois são nessas determinações que somos capazes conhecer o caráter da coisa e falar sobre ela, através de enunciados simples, compostos de sujeito e predicado, que equivalem a substância da coisa e seus acidentes.

Agora neste processo de conceituação da coisa é necessário se afastar dos enunciados sobre a mesma, pois eles ainda não são sua essência.

Em sua segunda tentativa de conceituar a coisa Heidegger afirma: “A coisa é o *aistheton* [o sensível], o perceptível nos sentidos da sensibilidade através das sensações” (HEIDEGGER, 2010, p. 59). Porém logo percebemos que as próprias coisas estão muito mais próximas de nós que as sensações, por exemplo, escutamos em casa a porta bater e nunca ouvimos sensações acústicas ou meros ruídos. Sobre as suas tentativas de Heidegger de conceituar a coisa podemos dizer que, a primeira interpretação a afasta demasiadamente do corpo e a segunda se projeta demais sobre o corpo, findando que a coisa termina por desaparecer dentro das duas interpretações. Finalmente nos fica claro que, “aquilo que dá às coisas o que é constante e é seu cerne, mas que ao mesmo tempo também causa o modo de seus afluxo sensível, o colorido, o sonoro, a dureza, o maciço, é a materialidade das coisas” (HEIDEGGER, 2010, p.61), ou seja, a coisa é a união de matéria e forma, Heidegger diz que é este conceito que nos põe em condição de responder à pergunta pelo caráter de coisa na obra de arte e que a matéria é a base e campo para a modelagem artística. Mas temos que ter cuidado ao definir a coisa da obra de arte como matéria e forma, pois um utensílio também possui matéria e forma, porém não é obra de arte, então como poderíamos diferenciar a obra de arte dos utensílios? A obra de arte se difere dos utensílios por não ter em sua essência uma utilidade em-si, ou seja, não é fabricado para um determinado intuito como um sapato, utilizando o exemplo do autor, a obra de arte existe por si.

Apesar de podermos aplicar essas teorias à coisa, nenhuma delas oferece uma explicação ontológica satisfatória. Para Heidegger o ente como tal, não é acessível a razão. O ente só é verdadeiro quando é autêntico, ou seja, quando se apresenta tal como é, então a verdade (que aqui significa autenticidade) e o ente são a mesma coisa. O artista sendo o indivíduo em exceção entre os homens comuns tem o poder visionário que penetra profundamente em todas as coisas, em seus olhos apresentam-se a realidade como é em si mesma, que reflete na obra de arte e torna-se uma revelação aos demais. A obra de arte é onde há a não-ocultação do ser. Segundo Heidegger o originário da obra de arte é a própria arte, as obras de arte mostram corretamente o caráter da coisa, ainda que de maneira completamente diferente. Apesar de podermos contemplar diversas obras de arte, o ser-obra da obra não se apresenta claramente para nós, sobre isso o autor faz o seguinte questionamento: “Alguma vez a obra será acessível em si? Para que isso

pudesse ser bem sucedido seria necessário retirar a obra de todas as referências ao que ela própria não é, para a deixar repousar só para si e só em-si mesma” (HEIDEGGER, 2010, p.97).

Existem diversas formas de se trabalhar com a obra de arte, a que Heidegger chama de comércio da arte, as obras de arte tornam-se acessíveis ao público para apreciação, críticos se ocupam delas, a história da arte as transforma em uma ciência, porém todas as atividades relacionadas a arte, mesmo que seja a mais elevada, não será capaz de alcançar o ser-obra da obra de arte, seu ente e sim, apenas o ser-objeto. Então a que lugar pertence a obra? Ela pertence como obra ao âmbito que se abre através dela própria. Há outros aspectos que devemos considerar com Heidegger sobre a obra de arte, ela não é completa por si mesma, isolada, apenas dentro de um conjunto de relações que transcendem sua identidade ela se integra ao mundo que a rodeia. “La obra de arte pone de manifiesto un mundo no en el sentido del mero conjunto de cosas existente, ni en el de un objeto al que se pueda mirar. [...] El mundo es la conciencia que se esconde con una luz para dar cuenta al hombre de su existencia y de su posición en medio de los otros seres existentes; todas las cosas adquieren su ritmo, su lejanía y cercanía, su amplitud e estrechez” (RAMOS, 1973, p. 15-16).

A obra de arte revela a pluralidade de mundos concretos, que são a atmosfera espiritual que influencia a vida de cada povo, cada época, cada momento histórico. Seu ente instala um mundo, esta instalação é o erigir no sentido de consagrar e glorificar. Heidegger afirma: Mundo nunca é um objeto que fica diante de nós e pode ser visto. Mundo é o sempre inobjetable, ao qual ficamos subordinados enquanto as vias de nascimento e morte, bênção e maldição nos mantiverem arrebatados pelo ser (a). Onde acontecem as decisões mais essenciais de nossa história, que por nós são aceitas e rejeitadas, não compreendidas e de novo questionadas, aí o mundo mundifica (HEIDEGGER, 2010, p.111). Para Heidegger esse mundo na obra de arte, não é uma exigência, sem conteúdo específico, um conteúdo de ideias, de sentimentos e de projetos que vão fazer ser inteligível o singular e o concreto. Mas essa forma ideal de obra de arte tem que se agarrar em algo permanente e material. Essa matéria nós podemos chamar de natureza, Heidegger a chama de “Terra”, no sentido metafórico ou mitológico tradicional de “mãe-terra”, “que engendra y alimenta a todos los seres y luego los recoge en su seno” (RAMOS, 1973, p.17). Heidegger considera que a matéria não é somente o “cimento da coisa” da obra de arte, dentro de sua unidade estética ele

tem um valor próprio, este valor é o da revelação ontológica. O instalar um mundo e o elaborar a Terra são duas características fundamentais do ser-obra da obra.

3.1- A RELAÇÃO ENTRE O CONHECIMENTO E A POESIA

Ao falarmos da relação verdade-arte desenvolvida por Heidegger, não podemos deixar de comentar o conceito de verdade utilizado pelo autor. Sobre este conceito, o filósofo afirma que o descuido com a qual nos entregamos ao uso desta palavra essencial, mostra quão pequeno e rude é nosso conhecimento sobre a essência da verdade. Na maioria das vezes, pensa-se como verdade esta e aquela verdade. Isto significa algo verdadeiro. Verdadeiro pode ser, um conhecimento que se expressa numa frase, porém não nomeamos verdadeira apenas uma frase, mas também uma coisa. O verdadeiro corresponde ao real e é real aquilo é de verdadeiro. Na reflexão sobre a essência verdade, o autor utiliza da palavra grega *aletheia*, que tem o significado de desvelamento daquilo que é sobre a verdade. Heidegger continua sua reflexão, até chegar à conclusão que *aletheia* é a oposição entre clareira e velamento. Clareira, pois ela é em sua totalidade; vigora no aberto e o velar vela; dissimula-se a si mesmo. “Isto quer dizer: o lugar aberto no meio do sendo, a clareira, jamais é palco fixo com cortina aberta sobre o qual se encene o jogo do sendo. A clareira acontece muito mais apenas como este duplo velar. O desvelamento do sendo nunca é, apenas, um estado existente, porém, um acontecimento” (HEIDEGGER, 2010, 135). Esta verdade compreendida por Heidegger acontece no momento em que ela é poetizada, ele usa o termo *poiesis* não como um inventar vago e coloca a poesia como ocupando um lugar distinto no todo das artes que se englobam na *poiesis*.

Dentro do vasto conceito de arte devemos destacar a *poiesis*, que pode ser conceitualizada como produção, fabricação, criação, mas não o mero fato de produzir, ela na verdade, proporciona à arte o caráter de “[...] produzir dando forma à matéria bruta preexistente, ainda indeterminada, em estado de mera potência” (NUNES, 1999, p.11). Essa criação que a *poiesis* proporciona, deve ser vista como uma criação que, se dá de uma forma organizada e deste modo instaura uma nova realidade, um novo ser. A poesia ocupa um lugar distinto no todo das artes que englobam a *poiesis*, podemos perceber essa posição de destaque no livro X, da obra *A República* de Platão. Sabemos que na Grécia Antiga não era muito comum à disseminação do conhecimento através

dos escritos ou livros, o próprio Sócrates não deixou nenhum legado de obras ou textos, o que temos conhecimento sobre sua filosofia, foi através de livros de pensadores posteriores a ele. Assim, no livro X de *A República*, Platão fala sobre a poesia e seu papel dentro da sociedade, onde ela era utilizada como uma forma de instruir as pessoas dentro da *pólis*, forma ao qual Platão criticava, pois para ele a poesia era considerada *mimeses*, ou seja, imitação, ela estava longe do que era real. Platão exila os artistas de sua obra, pois os consideram inadequados, por supostamente criarem “a cópia dentro da cópia”. Tendo em vista que o filósofo acreditava que tudo que era possível conhecer através dos sentidos, eram apenas projeções do mundo das essências verdadeiras. Porém, o próprio Platão escrevia em forma de diálogos, ou seja, seu discurso era essencialmente poético. Desta forma percebemos a importância da poesia e como ela está atrelada desde os primórdios a filosofia.

As reflexões a respeito da poesia vêm acompanhadas ou precedidas pela reflexão sobre a linguagem. A poiesis ou criação, pensada por Heidegger, tem um sentido tão amplo e tão fechado ao mesmo tempo, que termina por resumir-se a uma unidade essencial como a linguagem. A própria linguagem é poiesis em seu sentido mais essencial. “[...] a linguagem é aquele acontecimento no qual, a cada vez, o sendo como sendo se abre pela primeira vez para o ser humano, por isso é a poesia, a poiesis em sentido mais restrito, a mais originária poiesis em sentido essencial” (HEIDEGGER, 2010, p.189). Os elementos fundamentais para o desenvolvimento do ser-aí, para abertura no ser-no-mundo, são a disposição e a compreensão. A linguagem vem em seguida, sendo o modo com que o ser-aí usa para mostrar o que é compreendido sobre seu envolvimento com o mundo. A função da linguagem é a de expressar o que é articulado no discurso e na interpretação, ela é composta por um conjunto de símbolos e é um fenômeno posterior à analítica existencial, o ser-aí se abre para a linguagem pelo ato do discurso. Durante o percurso ao qual Heidegger utiliza para demonstrar que a essência da verdade não está no enunciado, mas por trás dele, fica claro que mais atrás está a essência da não-verdade, “a ocultação de ente no todo”. Percebemos então, que o papel fundamental para pensar a essência da verdade (deixando claro que o que se entende por “verdade” é algo mais profundo, remetente a base do ser do homem sobre a Terra), é a reflexão sobre esse mistério oculto do ser, onde a linguagem e a poesia entram em cena, para concretizar este pensamento.

É desta forma, que o homem enquanto transcendência existente lançado em possibilidades é um ser de distância. Então para Heidegger, o discurso poético será a peça que buscará combinar e diferenciar a distância e a proximidade, o estranho e o próprio. Com a finalidade de que, em toda sua extensão a história de um povo seja pensada, a poesia é aquilo que se dispõe para o poeta e que deve vir à luz. Ela não é resultado de uma “criação” e não está desde sempre dada, enquanto um “contexto”. Somente através do poeta ela ganha consistência, a palavra poética tem soberana permanência, ou seja, “o que permanece, fundam os poetas”. Devemos deixar claro, que esse ato fundador, executado pelo poeta, não provém do nada, não é apenas uma mera criação. A poesia é fundação que ocorre na palavra, pela palavra e é nela que o poeta tem o seu maior bem, pois o que deve ser fundado é o ser, o que sempre permanece, e não o ente simplesmente dado. Temos então que refletir sobre a atividade do artista, o processo de criação, para encontrar o originário da obra de arte, assim nos desviarmos da obra e nos ocuparmos com a essência da criação, pois segundo Heidegger: “A tentativa de determinar o ser-obra (a) da obra, puramente a partir dela própria, demonstra-se inexecutável” (HEIDEGGER, 2010, p.147). Heidegger nos introduz a ideia de criação, que se explica pela essência da obra. Não podemos reduzir a atividade técnica do artista a apenas um fazer, mas devemos considera-la também como um saber. A atividade técnica do artista é determinada pela essência da criação. A criação é a fixação da verdade mediante a forma, não sendo reduzida ao ato produtor, mas permanece objetivada como um modo de ser da obra. Também podemos observar outro tópico no estudo da estética que é contemplação, deixar que a obra seja obra, é o que Heidegger chama de contemplação, é através dela que se dá a relação ser-criatura. O filósofo tem papel fundamental, pois ele fala também pela obra, é impossível que a obra se apresente como a coisa em si, sem nenhuma referência ao que o filósofo pensa. Somente através dessa reflexão, pensada por Heidegger, a respeito da arte, do conhecimento, da poesia, da criação, etc., é que podemos finalmente ao analisar *Germânia*, construir um conceito de educação ontológica.

4- A EDUCAÇÃO ONTOLÓGICA

Como vimos no capítulo anterior, dentro de sua filosofia Heidegger não problematizou explicitamente o tema da educação. Mas à medida que o filósofo

pretende retomar problemática da existência, é necessária uma forma de educação, que dê ao homem o suporte indispensável para a sua existência. Quando falamos em existência, nos referimos ao conceito de, para Heidegger, ser na compreensão do ser. Ao retomar tal questão, o filósofo não visa apenas uma modificação na tradição metafísica ocidental ou uma espécie de complemento a tudo o já foi dito sobre o ser. Heidegger procura promover uma transformação do homem. Assim, através de sua analítica existencial e do que nomearemos de educação ontológica, finalmente alcançaremos a transformação do homem. A transformação sempre foi um dos focos dentro da filosofia de Heidegger, pelo fato do filósofo nos enxergar como *Dasein*. Ele acredita que nosso ser nunca se apresenta como algo pronto e acabado, portanto estamos sempre vindo a ser o que somos.

Percebemos ao longo do nosso trabalho, que desde sua principal obra *Ser e Tempo*, o principal foco do pensamento heideggeriano é a recolocação da questão do ser. Assim, através das críticas a tradição metafísica, o filósofo busca mostrar a característica mais própria da essência humana, a sua compreensão existencial. Buscando tal compreensão, Heidegger demonstra que a arte e não a ciência teria a competência de proporcionar ao homem esta compreensão. Segundo o autor, a arte é a expressão da verdade, portanto, por meio desta analogia entre arte e verdade, pretendemos demonstrar uma possível relação entre educação e arte. Onde arte como um instrumento educador teria a finalidade de auxiliar o homem no processo transformação, através do conhecimento do ser, retirando-o do seu estado de indigência.

No atual tempo de indigência, em que o homem está jogado, há a constante ameaça de que ele esqueça o que o faz homem, correndo assim o risco de não mais compreender o sentido do seu ser. Heidegger considera Hölderlin como o guardião da linguagem e afirma que o poeta é quem garante que o homem não seja tragado por esta indigência. “Em nenhum poeta o ser-aí histórico, a urgência de criar e o destino da obra são tão intimamente um como no caso de Hölderlin.” (HEIDEGGER, 2004, p. 14). A indigência em que vivemos, está relacionada tanto ao obscurecimento do mundo, quanto na despotenciação do espírito. Assim, surge uma relação problemática entre homem-mundo, que oferece sustento a esta indigência, onde com o espírito despotenciado, o homem reside um mundo obscurecido. Este relacionamento entre espírito despotenciado e o mundo obscurecido, que Heidegger defende em sua filosofia, é o ponto de partida do seu tema fundamental: o esquecimento do ser.

Podemos dizer que o obscurecimento do mundo é a perda do sentido original das coisas, contribuindo para o desvirtuamento da verdade. Heidegger acredita que o mundo é a união histórica e existencial da realidade, composto por diversos entes. O mundo não é algo já estabelecido, pronto e inerte, ele se compõe através de várias óticas, ou seja, várias formas de vê-lo. Desta forma, falar de seu obscurecimento é falar da perda original de sua mundificação, o esquecimento da possibilidade de compreender o sentido do ser, dos vários entes que o compõe. Quando falamos de despotenciação do espírito nos referimos à degradação do conhecimento, que se tornou instrumento a serviço de outros interesses. Atualmente a “apropriação” do conhecimento, acontece através do mecanismo de repetição, que futuramente só será utilizado, basicamente, no mercado de trabalho. Há então um declínio do ser e ascensão do ente.

A partir da predominância do ente em relação ao ser, a educação ontológica vem como uma possibilidade de superação desse momento de indigência, em que o homem se encontra. Essa superação proposta pela educação ontológica acontece através da arte, especificamente através da poesia (que Heidegger considera um instrumento privilegiado de compreensão do ser). A educação promovida pela arte, não consiste em nenhuma formação como, por exemplo, a educação tecnicista, ela acontece no fato transformador do homem. Ao por em obra a verdade, a arte possibilita uma educação do homem, afastando-o da relação de obscurecimento e despotenciação. Por fim, a arte ensina o homem a ser o que ele é, muito antes que ele aprenda uma profissão, por exemplo, baseando-se na ciência/técnica. A finalidade do nosso trabalho é demonstrar, que a educação ontológica contribui para o homem assumir a sua condição existencial e existir propriamente.

4.1- GERMÂNIA: A POESIA DE HÖLDERLIN COMO INSTRUMENTO TRANSFORMADOR DO HOMEM

Heidegger sempre teve contato com as obras Hölderlin, mas só aos trinta anos começou a interpretá-las. O ponto crucial do encontro com a poesia do autor é a verdade do ser, trata-se de um pensamento que procura encontrar o campo possível de colocação do tema do ser no horizonte da história da metafísica e seu fato fundamental, que é o esquecimento do ser. Em *Ser e Tempo*, o *Dasein* é refletido numa espécie de diálogo entre o mundo grego e o mundo moderno onde Hölderlin tem o papel de esclarecer

poeticamente o lado oculto da história ocidental. Heidegger acreditava que nem o próprio *Dasein* conseguia “vencer” a manifestação do ser em seu lado mais oculto, por isso ele nunca considerou que *Ser e Tempo* fosse uma obra acabada e sim uma introdução à questão do ser, então a junção com o pensamento de Hölderlin seria o que chama de “clareira do ser”.

Para Heidegger, a poesia de Hölderlin, considerado pelo mesmo o poeta dos poetas, é *Dichtung*, ou seja, possui mais abrangência em conteúdo e o caráter poético da postura fundamental diante da abertura de mundo. “Hölderlin não é um poeta que somente faz poesia e, além disso, teoriza sobre a arte poética, mas alguém que poetiza a própria poesia” (WERLE, 2005, p. 26). O escritor com sua poesia, a partir do centro da existência humana, que engloba passado, presente e futuro, alcançaria a essência da poesia e a projetando, transmitiria sua mensagem ao povo. A obra de Hölderlin introduz a existência humana numa dimensão mais ampla, onde não existe mais “subjetivismo” como algo decisório da verdade, o que instaura uma virada de pensamento tanto da metafísica quanto pensar da analítica existencial. Com essa virada temos a possibilidade de atingir algo originário, esse algo originário é a linguagem, ela é quando colocada como centro da existência humana possui a sua capacidade interlocutória, que permite a afirmação de um sentido histórico para o mundo. “A linguagem pode tanto elevar o homem para além dos limites humanos como vulgarizar a essência do que é humano. Por seu estatuto ambíguo, sempre está à espreita tanto o término de sua própria essência (o poético) quanto o dizer da essência (do ser)” (WERLE, 2005, p.53).

Através da poesia de Hölderlin, Heidegger estabelece uma “ontologia poética-fundamental”, onde tem a pretensão de ser novo horizonte de colocação da questão do ser, é importante notar como essa ontologia é permitido o estabelecimento das bases de um determinado conceito de poesia e de uma concepção da tarefa da poesia diante da existência humana com um todo. A característica principal da poesia de Hölderlin é seu horizonte amplo, onde se estabelece toda determinação humana, a essência de sua poesia nunca se define por uma mera determinação real, uma simples definição ou descrição, ela na verdade se impõe como acontecimento fundamental do ser, mas mesmo através do discurso poético onde há a manifestação do ser, não há a descaracterização da sua essência mais oculta que é o mistério. Dentro da poesia de Hölderlin, há um conceito fundamental que é a dimensão. “Segundo Heidegger, a dimensão dá sentido profundo e amplo aos versos que enunciam a morada poética dos

homens” (WERLE, 2005, p.60), essa dimensão é sustentada pelo sagrado. E assim vimos que o sagrado é algo que está em si, mas também nos objetos, não é algo totalmente acabado e fechado nele mesmo, como um absoluto “não alcançável” pelos homens, nem algo que está apenas nas coisas, nos objetos, mas entre os dois. Assim, concebemos que no estudo da construção da noção de poesia nos escritos de Heidegger sobre Hölderlin, podemos perceber que a poesia não é algo que permite uma única definição, um único conceito, mas ela deve ser compreendida como uma operação, onde estão sempre colocadas questões históricas que envolvem o destino do ser e do ser humano. Através Hölderlin e Heidegger observamos a estreita relação entre poesia e pensamento, na verdade uma relação de dependência, onde uma precisa da outra, a poesia é vista a partir das questões do pensamento, há um diálogo entre os dois saberes, assim Heidegger insere a poesia de Hölderlin no seu pensamento filosófico e esse novo trajeto de união tem seu impulso em *Ser e Tempo*, no qual o filósofo lança a base do seu pensamento.

Ao falar de *Germânia*, no livro *Hinos de Hölderlin*, Heidegger conceitua a palavra sentido. Para o filósofo o sentido estaria relacionado a uma estrutura rítmica, presente na poesia. Segundo o autor, esta estrutura rítmica não pode ser resumida apenas a distribuição e posicionamento das palavras. Ela deve ser compreendida como o primeiro balancear criativo que ainda só percebe a linguagem, ou seja, origem que, constantemente, precede a locução. É então, neste momento anterior à própria linguagem, que encontramos à disposição fundamental de cada poesia, onde Heidegger afirma ser o lugar metafísico no mundo. Ainda analisando *Germânia*, o filósofo estabelece uma divisão estrutural que possibilite este exame, com a finalidade de unir o conhecimento e a poesia. Conforme Heidegger, podemos dividir a poesia em dois conceitos: a forma e o conteúdo. É neste momento, onde há a conceitualização da divisão estrutural da poesia, que Heidegger transparece uma de suas críticas à tradição filosófica grega, parte fundamental de seu pensamento e da construção do conceito de educação ontológica.

Martin Heidegger alega que a definição de poesia, em forma e conteúdo está gasta, pelo fato de não ser determinada como algo característico da poesia, pois pode ser aplicada a tudo e a todos. Sobre esta afirmação Heidegger diz: “Afigura-se uma definição absoluta e intemporal, mas é totalmente grega e pertença exclusiva do ser-aí grego e, por isso, questionável; mesmo que pensemos que algo de tão arreigado e tão

corrente já não pode ser anulado.” (HEIDEGGER, 2004, p. 24), então apesar da crítica a esta definição, o filósofo a utiliza ao trabalhar com *Germânia*. Portanto, para Heidegger, a forma da poesia em questão, pode ser definida em sete estrofes de dezesseis linhas. Em relação a sua métrica, ela não segue nenhuma definição dos gêneros poéticos tradicionais e também não possui rimas. Sobre o conteúdo da poesia, ele o define na morte dos velhos deuses, para a passagem dos novos deuses, como podemos observar em “Não a eles, os deuses que outrora apareceram,/ As divinas imagens sobre a terra antiga,/ A eles não posso eu já invocar; [...]” (HÖLDERLIN, 1991, p.389). No momento que podemos conceber a passagem dos velhos deuses para os novos deuses, como o conteúdo de *Germânia*, também nos é revelado, o que Heidegger denomina de morte da metafísica tradicional. A poesia teria a então, a função de buscar uma nova compreensão do ser, sobre isso Heidegger diz:

[...] <<Germânia>> ganha, claramente, em expressividade poética pelo fato de o seu conteúdo principal – o prenúncio da chegada dos novos deuses, ela imagem da águia, a Germânia, pela imagem da criança sonhadora. Afinal, este é um real através de imagens o mais sensíveis possível de coisas irrealis. Este tipo de representação requer, por isso, uma especial atenção e <<investigação>>. (HEIDEGGER, 2004, p.25)

Podemos interpretar a “chegada dos novos deuses”, como a busca de uma nova metafísica. Mas, conforme Heidegger, apesar de não ser evidente, a interpretação de *Germânia* não é tão simples.

Há um logo e árduo caminho a se percorrer no que diz respeito à união entre conhecimento e poesia. Heidegger afirma, que mesmo o conhecimento trabalhando-a em seus mínimos detalhes, não necessariamente ele alcance a esfera de poder da poesia, ou seja, sua totalidade. Para que isso ocorra, devemos superar o fato de vê-la como um trecho meramente existente, a poesia deve, aos nossos olhos, se transformar e evidenciar-se tal como é. Na verdade, o empenho da união entre conhecimento e poesia, vem do fato das atitudes erradas do homem diante da arte no geral. Heidegger afirma, por exemplo, que só buscamos a poesia em momentos de vazio, como um método de “ajuda espiritual”, onde depois de utilizada, é posta novamente de lado. Isso acontece devido ao fato da educação que possuímos não desenvolver a capacidade humana de apreciação da arte. Sobre esse assunto, Heidegger afirma que: “Mas talvez nem seja por culpa do poema que já não sentimos qualquer poder nele, mas sim pela nossa, que perdemos a capacidade de experimentá-lo, porque nosso ser-aí se encontra enredado numa trivialidade pela qual é expulso de qualquer esfera de poder da arte.”

(HEIDEGGER, 2004. p 28). Por isso, é necessário rever nosso atual modelo educacional e propor uma educação ontológica, voltada para o homem.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizamos uma pesquisa de caráter hermenêutico, a partir de leituras e estudos realizados, nas principais obras de Martin Heidegger. Através do presente trabalho, percebemos que a investigação do sentido do ser é de grande importância para a compreensão do homem e suas possibilidades como ser (*Dasein*). É através dessa compreensão, que o homem poderá sair do seu atual estado de indigência, causado pelo obscurecimento do mundo e despotenciação do espírito. Nós encontraremos o apoio necessário para essa compreensão na arte, particularmente, na poesia do lírico alemão Friedrich Hölderlin.

Através do pensamento de Heidegger percebemos que há uma quebra de paradigmas estabelecidos ao longo dos anos, como o de Platão que afirmava que a mimese produzia obras “três vezes mais afastadas da realidade” e que os poetas não passavam de meros imitadores de segunda mão. Até a estética tradicional ao qual percebe a arte como apenas um objeto de simples fruição, onde a arte é compreendida por meio de um processo subjetivo, tem agora por meio do pensamento heideggeriano um novo olhar sobre a arte, libertando-a de uma concepção puramente estética e a colocando em seu devido lugar, o de acontecer espontâneo da verdade.

O primeiro capítulo intitulado: *Martin Heidegger e a Analítica Existencial* traz um panorama geral, de como o filósofo estabelece a trajetória do surgimento da questão do ser. Desde o contexto histórico do surgimento do existencialismo, suas influências e principais ideias. Passando por suas críticas a toda a tradição metafísica, que segundo Heidegger, durante toda a história da filosofia ocidental não foi capaz de abranger o sentido do ser em sua totalidade. A análise dos pressupostos equivocados defendidos erroneamente acerca do ser. Até chegarmos a conceitualização do termo *Dasein*, peça fundamental para o pensamento e obra de Martin Heidegger e de grande importância ao nosso trabalho, no que diz respeito à capacidade de transformação do homem.

Em *A Concepção de Arte*, segundo capítulo do nosso trabalho, podemos acompanhar como o filósofo rompe com o pensamento de que a arte é mera fruição. Heidegger coloca a arte em um lugar privilegiado dentro da história da humanidade, afirmando que ela é capaz de auxiliar o homem no processo de compreensão do ser, por ser capaz de por em obra a verdade. Percebemos também, que por meio da reflexão

sobre a linguagem (poiesis), podemos encontrar o sentido do ser, mantendo sua característica fundamental, o velamento.

Finalmente, quando chegamos ao capítulo intitulado: *A Educação Ontológica*, encontramos um conceito capaz de por em prática, todo o pensamento defendido por Heidegger. A educação ontológica, baseada na arte, busca a transformação do homem. Diferente do modelo educacional atual, fundamentado na ciência e na técnica, visando apenas uma das possibilidades do ser, ou seja, visando só o homem e sua carreira profissional. A educação ontológica vem com a proposta de compreender o homem em seu todo, o transformando e lhe dando o suporte necessário para se perceber como ser. Ao compreender a importância da arte para a educação ontológica, compreendemos também a importância da poesia de Hölderlin neste processo de transformação do homem. *Germânia*, uma de duas principais poesias é usada por Heidegger para proporcionar o material necessário ao seu pensamento.

Desta maneira, nos fica claro que a arte instaura um mundo. Tal fundação não pode ser vista apenas como um simples ato de copiar algo já existente, mas sim como a fundação de um modo de ver não particular, mas sim universal. Por esta capacidade, compreendemos que a arte é uma forma de revelação do mundo e a poesia é considerada por Heidegger o de mais relevante para compreensão da existência humana, pois possui a habilidade de revelar, mas sem descaracterizar a essência do ser, que é seu velamento. Na busca da compreensão do ser, através da educação ontológica, filosofia e poesia caminham juntas, assim a obra de Martin Heidegger e Friedrich Hölderlin.

REFERÊNCIAS

BARROS, Chimena M. S. de. **A Poesia na Filosofia Heideggeriana: Uma Breve Investigação Rumo à Crítica.** Terra roxa e outras terras - Revista de Estudos Literários. Londrina. v. 5. p. 2-16. 2005.

BAZZOCCHI, Claudio. **Iperione e la rivoluzione: il lato oscuro dei rivoluzionari di professione. Per ripensare il socialismo oggi.** Consecutio Temporum: Rivista critica della Postmodernità. Roma. n. 6. 2011.

FERNANDES, L. S. **Verdade em Obra: Arte e Poesia na Filosofia de Martin Heidegger.** 2001. 94f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – UFPB (Universidade Estadual da Paraíba), Paraíba, 2001.

HEIDEGGER, Martin. 1889-1976. **Ser e Tempo/** Martin Heidegger; Tradução revisada e apresentação de Marcia Sá Cavalcante Schuback; posfácio de Emmanuel Carneiro Leão. 7.ed.- Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP. Editora Universitária São Francisco, 2012.

_____. **Arte y Poesia/** Martin Heidegger; trad. Y pról. de Samuel Ramos.- 2ª ed. – México: FCE, 1973.

HEIDEGGER, Martin. **O Conceito de Tempo/** Martin Heidegger; trad. e pról. Irene Borges Duarte. – 1ª ed. 2008.

_____. **Hinos de Hölderlin.** Trad. Lumir Nahodil. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

_____. **A Origem da Obra de Arte/** Martin Heidegger; [tradução de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro]. – São Paulo: Edições 70, 2010.

HÖLDERLIN, Friedrich. **Poemas.** 2. ed. bilíngue. Tradução de Paulo Quintela. Lisboa: Relógio D'água, 1991.

KIRCHNER, Renato. **A caminho do pensamento e da poesia.** Theoria (Pouso Alegre), v. 1, p. 11-35, 2009.

MAGALHÃES, Antônio C. M. **Partilhas do Saber. Diálogos entre Filosofia e Literatura.** Revista Páginas de Filosofia, São Paulo. v.1, n.2, p. 47-59, jul/dez 2009.

MACHADO, Anna Rachel. **Planejar Gêneros Acadêmicos/** Anna Rachel Machado, Eliane Gouvêia Lousada, Lília Santos Abreu-Tardelli. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

NATRIELLI, Adriana. **A crítica do discurso poético na República de Platão.** In: III Encontro de Filosofia e Ciência do Cone Sul (AFHIC), 2004, Águas de Lindóia, S.P. III Encontro de Filosofia e Ciência do Cone Sul (AFHIC), 2004. p. 8-11.

NUNES, Benedito. **Introdução à filosofia da Arte.** São Paulo: Ática, 1999.

RÉE, Jonathan, 1940-1997. **Heidegger. História e Verdade em Ser e Tempo/** Jonathan Rée; tradução de José Oscar de Almeida Marques, Karen Velobuef- São Paulo. Editora UNESP, 2000 – (Coleção Grandes Filósofos).

REYNOLDS, Jack. **Existencialismo/** Jack Reynolds; tradução de Caesar Souza. 2. Ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.-(Série Pensamento Moderno)

SANTOS, L. G. **O homem na filosofia de Martin Heidegger.** Filosofia (São Paulo), v. 22, p. 50-63, 2008.

WERLE, Marco Aurélio. **Poesia e Pesamento em Hölderlin e Heidegger/** Marco Aurélio Werle. – São Paulo: Editora UNESP, 2005.

ANEXO- GERMÂNIA

Não a eles, os deuses que outrora apareceram,
As divinas imagens sobre a terra antiga,
A eles não posso eu já invocar; porém,
Ó pátrios rios!, se convosco agora
Se queixa o amor do coração, que outra coisa
Quer ele em seu luto sacro? Pois esperançada
Jaz a terra, e um céu pesado e baixo,
Como em dias ardentes, nos ensombra,
Ó nostálgicos!, cheio de presságios.
Cheio de promessas está, e me parece
Também ameaçador, mas com ele eu quero
Ficar, e a alma para trás, e me parece
Para vós, Passados!, a mim por demais caros.
Pois contemplar a vossa face bela,
Como se outrora fosse, temo seja mortal,
E mal é permitido ir acordar os mortos.

Deuses desapar'cidos! e vós também, presentes, outrora
Mais verdadeiros, já passaram vossos tempos!
Nada quero negar aqui, nada implorar.
Pois quando tudo acabou e o dia se extinguiu,
O primeiro atingido é o sacerdote, mas com amor o segue
O templo e a imagem também e seu rito
Pra terra escura e nada pode já brilhar.
Só como de chamas de sepulcros um fumo de ouro
Se ergue e passa, a lenda, e envolve do seu halo
Agora as nossas fronteiras duvidosas
E ninguém sabe o que lhe acontece. Sente
As sombras daqueles que outrora foram,
Os Velhos, que voltam a visitar a terra.
Pois os que aí vêm, impelem-nos,

E não mais demora a sagrada turba
 Dos homens-deuses já no céu azul.

Já verdeja, no prelúdio de mais áspero tempo,
 O campo pra eles cultivado, preparada 'stá a of'renda
 Para o ágape e vale e rios estão abertos
 Largamente em volta de montes proféticos,
 Pra que possa olhar até ao Oriente
 O homem, e de lá muitas mudanças e comovam,
 Mas o Éter cai
 A imagem fiel e oráculos divinos chovem
 Inúmeros dele, e uma voz ressoa no íntimo do bosque.
 E a águia, que vem do Indo
 E voa sobre os cumes
 Nevados do Parnaso, alto sobre as colinas do sacrificios
 Da Itália, e presa alegre busca
 Para o Pai, não como outrora, mas mais exercitada no voo,
 A velha águia, exultante ultrapassa
 Por fim os Alpes e vê as terras variadas.

A sacerdotisa, a mais calada filha de Deus,
 Ela, que ama o silêncio em funda simplicidade,
 É a ela que a águia busca, a ela que de olhos abertos olhava
 Inda há pouco, como se não soubesse, quando uma tempestade
 Ameaçadora de morte lhe ressoou sobre a cabeça;
 A criança pressentia algo melhor,
 E finalmente um espanto se fez largo no céu
 Porque existia alguém grande na fé, como ela mesma,
 O poder abençoante da Altura;
 Por isso eles mandaram a mensageira que, reconhecendo-a em breve,
 Assim pensa sorrindo: <<A ti, indestrutível, tem
 De pôr-te à prova outra palavra>>, e di-la alto,
 A jovem águia, olhando Germânia:
 <<És tu, eleita,

Tu que tudo amas, e para carregares um fardo
Pesado de ventura te fizeste forte,

Desde o tempo em que tu, escondida na floresta e ébria
De doce sono da papoila em flor, não atentavas
Em mim, muito antes ainda que outros mais humildes sentissem
O orgulho da virgem e espantados perguntasse de quem e donde tu eras,
Mas tu mesma o não sabias. Eu é que te reconheci,
E em segredo, enquanto sonhavas, deixei-te
Ao partir ao meio-dia um sinal amigo,
Mas expediste também profusão de palavras de ouro,
Ô Afortunada, com os rios, e eles correm inesgotáveis
Pra todas as regiões. Pois quase como o da Santa
Que é a mãe de tudo e traz a abismo,
A quem os homens chamam a Oculta,
O teu peito está cheio
De amor e dor
E amor e dor
E de presságios e de paz.

Oh! Bebe brisas matinais
Até que te abras,
E nomeia o que tens antes os olhos.
Não mais tempo pode ficar
Mistério o inexpresso,
Depois de há muito estar oculto;
Aos mortais convém o pudor
E é sábio falar com reserva
Também dos deuses a maior parte do tempo.
Mas quando mais abundante do que as puras fontes
Corre o ouro, e a ira no céu se faz severa,
Tem de entre dia e noite
Aparecer finalmente uma Verdade,
Descreve-a três vezes,

Que ela ficará inexpressa também
Como agora está, ó Inocente!

Ó filha da Terra sagrada! nomeia
Enfim a Mãe. Rugem as águas contra a rocha
E as tempestades no bosque, e ao nome dela
Ressoa de antigos tempos o Divino passado.
Como é diferente! e justamente esplende e fala
O futuro também alegre, da lonjura
Mas no meio do tempo
Vive tranquilo com a consagrada
Terra virginal o Éter,
E pra lembrança gostam
Os não-indigentes de ser
Hóspedes amigos dos não-indigentes
Nos teus dias de festa,
Ó Germânia, em que tu és sacerdotisa
E inerte dás conselho em volta
Aos reis e aos povos.